



### **Experimentar os cinemas africanos: dois olhares, uma luta, subversão das diásporas**

*No dia 11 de junho, no Auditório da Facom, a turma de 2026.1 da disciplina de graduação Cinemas Africanos recebe estudantes do ICEIA para discutir filmes dos senegaleses Ousmane Sembène e Ben Diogaye Beye, em uma atividade aberta ao público.*

Em atividade destinada a estudantes do curso técnico de Produção de Áudio e Vídeo do ICEIA - Instituto Central de Educação Isaías Alves, e aberta ao público em geral, estudantes da turma de Cinemas Africanos (COMC15) do primeiro semestre letivo de 2026 apresentam uma sessão com dois filmes senegaleses: *Os Príncipes Negros de Saint-Germain-des-Prés* (1975), de Ben Diogaye Beye, e *Garota Negra* (1966), de Ousmane Sembène. A sessão gratuita contará com a distribuição de material de apoio com informações sobre os cineastas e seus filmes e será apresentada e debatida por estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Artes com base nos estudos realizados durante o semestre.

Com apoio financeiro da Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEXT-AC), por meio da Chamada para Ações Pontuais de Extensão, Arte e Cultura 2026, e apoio logístico da Facom, a atividade é o principal resultado da disciplina Cinemas Africanos, um componente curricular que se dedica à compreensão aprofundada e crítica das cinematografias africanas. Coordenada em 2026.1 pelo Professor Marcelo R. S. Ribeiro e com a colaboração do tirocinista Marcelo Ricardo dos Santos (estudante de doutorado do Póscom), a disciplina visa a historicizar os cinemas africanos a partir de perspectivas contemporâneas, analisando as relações entre cinema, descolonização e a construção de uma imaginação coletiva multifacetada.

O formato didático da disciplina COMC15 é concebido para ser dinâmico e interativo, combinando aulas expositivas e dialogadas com a leitura prévia de textos e a exibição comentada de filmes. Esta abordagem permite aos estudantes não apenas absorver o conteúdo teórico, mas também desenvolver uma capacidade crítica de análise e interpretação das obras. A metodologia enfatiza a identificação das diversas linhagens e tendências cinematográficas africanas, a caracterização panorâmica das produções e a interrogação dos termos e conceitos que permeiam os estudos da área.

Como parte integrante e prática da disciplina, a atividade de extensão é um pilar fundamental. Ela se materializa na organização da sessão de filmes aqui divulgada, com material de apoio e debates, transformando o aprendizado em uma experiência de curadoria ativa. Para a sua realização, contamos ainda com a colaboração de Gustavo Oliveira Brandão (estudante de doutorado do Póscom), que atua como professor no ICEIA. Além de estudantes do curso técnico de Produção de Áudio e Vídeo dessa instituição, a atividade é aberta ao público em geral e se insere no eixo de experimentação curatorial do projeto de extensão *Anarquivo: fórum impermanente de experimentação em audiovisual e outras artes*, do GAS – grupo (an)arqueologias do sensível ([gas.ufba.br](http://gas.ufba.br)).





## Serviço

### - O quê:

Sessão *Experimental os cinemas africanos: dois olhares, uma luta, subversão das diásporas*

### - Quando:

Dia 11 de junho, das 14h às 17h

### - Onde:

Auditório da Faculdade de Comunicação da UFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Ondina, Salvador/BA, 40170-115

### - Quanto:

Evento gratuito (sujeito à lotação do espaço)

## Saiba mais sobre os filmes:

### - Os Príncipes Negros de Saint-Germain-des-Prés

Título original: *Les Princes noirs de Saint Germain-des-Prés*

1975 | 14" | classificação 12+

Direção: Ben Diogaye Beye

Sinopse:

A obra acompanha um grupo de jovens senegaleses imigrantes no bairro intelectual parisiense, abordando suas ilusões, frustrações e as estratégias de sobrevivência diante do racismo cotidiano e da precariedade. Beye explora a esfera pública e as relações entre homens negros imigrantes e a sociedade francesa, incluindo suas tentativas de se relacionar afetivamente com mulheres brancas, seus empregos subalternos e o sonho de “vencer na França”.

### - Garota Negra

Título original: *La Noire de...*

1966 | 65" | classificação 14+

Direção: Ousmane Sembène

Sinopse:

*Garota Negra* é um marco fundador do cinema africano. Conta a história de Diouana, uma jovem senegalesa analfabeta que vai trabalhar como doméstica na França, acreditando que ali conquistaria sua liberdade. No entanto, sua experiência se revela um pesadelo: confinada ao apartamento dos patrões, entre a cozinha e o quarto, ela percebe que se tornou “a escravizada do novo tempo”, expressão do neocolonialismo. O filme utiliza *flashbacks* para contrastar o Senegal (lugar de memória, utopia e afeto) com a França (lugar de clausura, racismo e objetificação). A fotografia em preto e branco denuncia, dicotomicamente, as relações de poder entre a mulher negra senegalesa e a mulher branca francesa.





## Conheça os cineastas:

### - Ben Diogaye Beye

Ben Diogaye Beye, nascido em Dakar, Senegal, em 1947, é uma figura proeminente e multifacetada do cinema africano, atuando como roteirista, cineasta, produtor e jornalista. Sua formação cinematográfica ocorreu em Paris, onde adquiriu as bases técnicas e artísticas que moldariam sua visão. Contudo, foi a experiência prática, como aprendiz de mestres senegaleses como Ousmane Sembène, Djibril Diop Mambéty e Ababacar Samb-Makharam, que aprofundou sua compreensão das nuances da narrativa africana e da produção local.

Antes de se consolidar como diretor, Beye desempenhou um papel crucial nos bastidores de diversas produções, atuando como assistente de direção em filmes notáveis como *Touki Bouki* (1973), de Mambéty, e co-escrevendo obras como *Baks* (1976), de Momar Thiam. Sua vivência como jornalista e radialista também enriqueceu sua perspectiva, conferindo-lhe uma sensibilidade aguçada para as realidades sociais e culturais de seu país.

O trabalho de Ben Diogaye Beye é caracterizado por uma exploração sensível das relações humanas e das dinâmicas sociais no Senegal pós-colonial. Seus filmes frequentemente abordam temas como a infância, o amor, a esperança e os desafios cotidianos, com uma abordagem que mescla a observação atenta com a poesia visual. Ele se destaca por sua capacidade de extrair emoção e significado de narrativas aparentemente simples, refletindo a complexidade da experiência africana.

Entre suas obras mais significativas, *Les Princes Noirs de Saint Germain-des-Prés* (1975) marcou sua estreia como diretor. Com *Samba Tali* (1975), Beye conquistou reconhecimento internacional, sendo agraciado com o prêmio de Melhor Curta-Metragem no Festival Internacional de Cinema do Conjunto Francófono em Genebra (1975) e o Tanit d'Or de Melhor Curta-Metragem no Festival de Cinema de Cartago (1976). Mais recentemente, *Un Amour d'Enfant* (2004) foi laureado com o Prêmio Especial do UNICEF pelos Direitos da Criança.

Além de sua filmografia, Beye também contribuiu significativamente para o cinema senegalês ao pesquisar e escrever o roteiro original de *Thiaroye '44*, projeto que mais tarde se tornaria o aclamado filme *Camp de Thiaroye*, dirigido por Ousmane Sembène e Thierno Faty Sow. Sua atuação como membro ativo e líder da Associação de Cineastas Senegaleses solidifica seu papel não apenas como criador, mas também como um defensor e promotor do cinema, não apenas no Senegal, mas na África em sua diversidade. Ben Diogaye Beye, com sua obra e dedicação, continua a enriquecer o panorama cinematográfico do continente, oferecendo perspectivas autênticas e ressonantes.





### - Ousmane Sembène

Ousmane Sembène (1923-2007) transcendeu a mera condição de cineasta, emergindo como um arquiteto fundamental da narrativa africana autônoma no século XX. Nascido em Ziguinchor, Senegal, sua trajetória inicial foi marcada por uma vivência multifacetada: de operário e estivador em Marselha, onde passou uma década e se filiou ao Partido Comunista Francês, até combatente na Segunda Guerra Mundial e ativista sindical. Essa imersão nas realidades do trabalho e da luta social forjou sua consciência política e o impulsionou à escrita, onde se destacou como romancista com obras como *Le Docker Noir* (1956) e *Les Bouts de Bois de Dieu* (1960), antes de abraçar o cinema (sem ter abandonado a literatura).

Sembène visionou o cinema como uma “escola noturna do povo”, um veículo potente para a conscientização e a descolonização mental. Sua formação técnica no Gorky Film Studio, em Moscou (1961-62), sob a tutela de cineastas soviéticos como Mark Donskoj e Sergej Gerasimov, aprofundou sua compreensão do potencial cinematográfico como ferramenta de transformação social. Ao retornar ao Senegal, Sembène iniciou uma produção cinematográfica, inicialmente com uma câmera soviética de 16mm e sobras de película, que desafiou as representações eurocêntricas da África, buscando dar voz e agência aos povos africanos. Ele cunhou o termo *mégotage* (cinema-bituca) para descrever a engenhosidade e a necessidade de recursos no cinema africano, produzindo filmes sob sua companhia Filmi Doomi Reew (Film Domirev).

Seja em suas primeiras experiências, como *La Noire de...* (*Garota Negra*, 1966), ou em suas obras mais tardias, como *Moolaadé* (2004), seus filmes são crônicas incisivas das complexidades pós-coloniais, abordando temas como neocolonialismo, corrupção das elites, patriarcado e a persistência de tradições em um mundo em mutação. Sembène não se furtou a criticar tanto os colonizadores quanto as novas lideranças africanas, utilizando uma linguagem cinematográfica que, embora didática em sua função, era rica em simbolismo e expressividade.

Ao longo de sua carreira, Sembène foi amplamente reconhecido, sendo convidado a integrar os júris oficiais de festivais de renome como Cannes (1967), Berlim (1977) e Veneza (1983), além de receber prêmios em diversas edições desses festivais. Ele foi um *griot* moderno, um contador de histórias que, através da tela, instigava o debate e empoderava seu público a questionar a autoridade e a forjar sua própria identidade. Sua obra permanece um farol para o cinema africano, inspirando gerações a contar suas próprias histórias com autenticidade e impacto, e consolidando-o como o Pai do Cinema Africano.

